

Corpos secos

LUIA GEISLER
MARCELO ROCHA FERRONI
NATALIA BORGES POLESSO
SAMIR MACHADO DE MACHADO

Corpos secos

Um romance

ALFAGUARA


Copyright © 2020 by Luisa Geisler, Marcelo Rocha Ferroni, Natalia Borges Polesso e Samir Machado de Machado

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Celso Longo

Imagem de capa

Stanley Donwood

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Marise Leal

Camila Saraiva

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Corpos secos : um romance / Luisa Geisler... [et al.].
— 1ª ed. — Rio de Janeiro : Alfaguara, 2020.

Outros autores : Marcelo Rocha Ferroni, Natalia
Borges Polesso, Samir Machado de Machado
ISBN: 978-85-5652-102-6

1. Ficção brasileira 1. Geisler, Luisa. 11. Ferroni,
Marcelo Rocha. 111. Polesso, Natalia Borges. 1v. Ma-
chado, Samir Machado de.

20-33493

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editora.alfaguara

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

E eu acho, meu caro, que cada um de nós tem nas suas mais remotas cavernas interiores um troglodita adormecido que, submetido a um certo tipo de estímulo, vem rapidamente à tona de nosso ser e se transforma num déspota totalitário capaz de todas as bestialidades.

Erico Verissimo, Incidente em Antares

Mateus

No princípio era o caos e a urgência; vieram então as semanas do medo, mergulhando aos poucos num silêncio moribundo; reina agora a paz da cidade morta. Da janela de seu quarto no hospital, Mateus olha São Paulo pensando que, no fundo, a cidade foi feita para se tornar ruína. Há beleza nisso.

Romero abre a porta e entra.

— Pronto, encontrei. Vamos, então?

Mateus o vê exibir o pacote de camisinha como um troféu. Romero o abraça e puxa a camisa dele para fora da calça. De um modo apressado, Mateus abre o botão e a braguilha, então puxa a calça para baixo, até a altura dos joelhos, virando-se de costas e curvando-se sobre a cama alta. Romero tira o colete de policial federal e também abre a calça, que tomba no chão com o peso do cinto e do coldre. Coloca a camisinha, passa o lubrificante em Mateus e o fode com uma veemência indiferente e distante, enterrando até os colhões. Mateus agarra os lençóis gemendo de prazer e alívio por se sentir vivo outra vez, após semanas trancado naquele ciclo infinito de exames.

Quando termina, Romero sai de dentro dele e lhe dá uma palmada no traseiro. Tira a camisinha e joga no lixo. Os dois se recompõem, subindo calças e fechando braguilhas.

— Tá tudo bem mesmo, não é?

Mateus ergue os ombros.

— Você ouviu a dra. Sandra. Suor e saliva não são problema, só precisa tomar cuidado com sangue. E sêmen.

— Beleza, então.

Romero lhe dá um beijo protocolar e rápido. Na porta, ao sair, pede:

— Não vai comentar isso com a chefe, certo? Ela vai me encher o saco se souber. “Onde se ganha o pão...”, essas coisas.

- Claro que não. Não te preocupa.
- Certo. Tenho que ir, cara.
- Vai lá, tranquilo.

Na sala de conferências, a dra. Sandra alinha com o resto da equipe o andamento da pesquisa. Recapitula o quadro do paciente, que se mantém estável passados quatro meses desde sua contaminação, sem apresentar nenhum dos sinais típicos da doença, como coágulos no sangue. Como explicar isso? O paciente não possui histórico de doenças metabólicas como diabetes nem estava submetido a nenhum tipo de tratamento médico. Tem uma vida sexual comum para um jovem de vinte e cinco anos, sem nenhum histórico de doença infecciosa pregressa. Possui bom condicionamento físico e pratica esportes regularmente. Não mantém nenhum hábito alimentar incomum, exceto preferir alimentos orgânicos, mesmo que de modo não exclusivo. Ainda não conseguiram encontrar nada que explique como seu corpo, mesmo contaminado por aquela versão mutante de *Baculovirus anticarsia*, não desenvolveu nenhum dos sintomas da síndrome de Matheson-França, o popular “corpo seco”.

Em outras palavras, ninguém sabe dizer por que Mateus continua vivo.

É estranho escutar falarem de si como se ele próprio não estivesse ali na sala, na frente de todos. Mateus conhece todos os vinte médicos da equipe, e acompanhou de perto o avanço individual no estudo de cada um. Talvez seja o único ali, além da dra. Sandra, a ter uma noção completa do próprio quadro.

Faz poucos dias que foi liberado para sair da ala de isolamento, onde viveu os últimos meses. Tem aproveitado o tempo livre caminhando pelos corredores, se exercitando, às vezes subindo ao terraço para respirar pela primeira vez o ar puro em São Paulo.

E, agora, trepando às escondidas com Romero. Não que seja um completo segredo: a dra. Sandra sabe. Ele não seria irresponsável de esconder algo assim dela.

Romero está ali na sala também, parado à porta de braços cruzados, escutando tudo com atenção. Mateus olha para ele e sorri, e

o agente sorri de volta. Seu trabalho é cuidar da segurança pessoal de Mateus. Responde diretamente a Tulipa, a delegada federal que coordena a equipe de dez agentes que protegem a equipe médica ali dentro.

Sandra termina sua fala.

— Alguém tem alguma pergunta?

Uma mão se ergue, uma pergunta é feita. Mateus se entedia e olha pela janela, para a cidade morta se movendo lá embaixo. Seu olhar se acostumou a considerar aqueles vagares errantes como parte da paisagem, algo distante da sua vida e ao qual se tornou indiferente. Tem pensado bastante na família. Quando a mãe morreu de câncer dois anos antes, pensou ser o pior momento de sua vida. Agora ficava aliviado por ela não estar mais ali, não ter que passar por tudo aquilo, saber que o filho mais velho, a nora e os netos estavam todos mortos. Ou pior, vagando por aí.

Ainda tem a família paterna, se é que dá para continuar classificando como família. Mateus é apegado a Murilo, irmão caçula do segundo casamento do seu pai. Mesmo que o velho já tivesse se divorciado mais uma vez e seguido adiante, Mateus mantinha contato constante com o meio-irmão, naquela conexão peculiar que resultara da vida afetiva errante típica dos homens da geração de seu pai. Toda vez que se encontravam, Mateus dava um chocolate para Murilo. Era uma coisa dos dois: ele ser “o irmão do chocolate”. Na última vez que o viu, pouco antes de ser recolhido àquele hospital, Murilo começou a chorar. Mateus entregou seus três peixes para o menino, prometendo que em troca de cuidar bem deles ia lhe dar uma caixa inteira de chocolates.

Mas isso foi antes do apagão. Dois meses atrás, caiu a internet. Em seguida, foram as emissoras de tv que saíram do ar. Algumas semanas atrás, as de rádio. E já faz alguns dias que não se consegue contato por rádio com algumas das bases militares mais afastadas. Mateus tenta não pensar no que isso significa.

Há algo de incomum lá fora hoje, uma aglomeração ligeiramente maior e mais ordenada. Os médicos seguem conversando. Ele os ignora e se aproxima da janela. Romero nota sua distração.

— Mateus, não fica tão perto da janela.

— O que está acontecendo lá embaixo?

Os médicos param de conversar e se voltam para Mateus. Romero leva a mão ao fone no ouvido e resmunga algo.

— Certo. Eu levo ele. Mateus, vamos.

— Por quê? O que está acontecendo?

— Ele está lá embaixo de novo. Vou te levar para a área segura, por via das dúvidas. Doutora, a Tulipa pediu para falar com a senhora. É urgente.

Romero pouisa a mão nas costas de Mateus e pede que o acompanhe.

— Ele quem? O cara do megafone de novo?

— O próprio.

— Mas é só um cara com um megafone. Que risco tem nisso?

— Ah, Mateus. A gente não pode contar tudo para você. Ordens da doutora. Ela disse que você estava, ah... tendo um quadro de ansiedade.

— Certo, mas eu estou melhor agora. Conta logo, porra.

Nos meses que passou isolado na ala de infecções, Mateus podia escutar o eco distante daquela voz no megafone. Não entendia como alguém podia sobreviver lá fora fazendo tanto barulho, mas, de algum modo, o sujeito conseguia. De dentro do hospital não dava para escutar direito o que ele dizia, mas parecia algum tipo de oração ou pregação religiosa, o que valeu ao sujeito o apelido, entre a equipe médica, de Pastor dos Mortos.

Romero aponta algo na paisagem.

— Acho que dessa janela dá para enxergar.

No início da contaminação, quando a epidemia se espalhou tão rápido que o pânico entre a população se revelou um problema tão grande quanto a mobilidade dos corpos secos, a área ao redor do hospital fora cercada por um muro de concreto e cercas elétricas. A equipe de agentes federais de Tulipa cuidava da segurança interna do prédio do hospital, mas todo o perímetro externo estava sob proteção de um coronel do Exército e cerca de vinte soldados. Mateus nunca vira nenhum deles, e mesmo o contato entre a equipe interna e os soldados se dava somente após uma série de procedimentos de triagem e desinfecção. Para além do perímetro estava a cidade morta, com

os corpos secos andando a esmo em matilhas, caçando os poucos sobreviventes, até que seu ciclo de vida se completasse e eles tombassem imóveis. Por fim, estouravam em bolsas de esporos de vida curta em contato com o ar, mas que eram um risco a qualquer um que as aspirasse num raio de vinte metros. Por semanas, o hospital cercado se tornou uma das poucas ilhas de vida em São Paulo.

Exceto que agora alguma coisa está diferente.

Os corpos secos estão todos parados, olhando na direção do hospital. Quando enfim se movem, o fazem de modo coordenado, como um rebanho de ovelhas conduzido no pasto. No meio deles, intocado, há um carro de som, cujos alto-falantes reproduzem a ladainha do Pastor dos Mortos.

Romero solta um resmungo.

— Que merda, parece que tem cada vez mais deles.

— Ele está lá? Dentro daquele carro?

— Não sabemos. Pode ser ele, pode ser alguém diferente dirigindo e ser só uma gravação. Não tem como saber. E o carro é blindado.

— Como sabem disso?

— Já atiramos nele. Mas só serviu para deixar os corpos secos agressivos. Tentaram um ataque ao perímetro algumas semanas atrás. Você não ficou sabendo, claro. Mas as coisas ficam tensas sempre que o Pastor aparece.

— Você está dizendo que ele controla os corpos secos?

— De alguma forma. Não é bem um controle. Ele meio que os direciona para um lado ou outro. E eles nunca atacam o carro. Não sabemos como. Talvez seja algum tipo de infrassom.

Mateus o encara.

— Você quer dizer ultrassons? Tipo o exame? Porque esse hospital tem um monte de equipamentos que podem estar causando algum tipo de...

Romero balança a cabeça em negação. Não, ele está se referindo a infrassons mesmo. Um tipo de som muito baixo, que o ouvido não escuta. Leu uma vez na internet sobre como os tigres emitem sons que podem paralisar uma presa, até mesmo humanos.

— “Li na internet”...

— Saudades, internet.